

## **PSICANÁLISE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: Primeiras Impressões de uma Experiência em Extensão**

Milene Santiago Nascimento<sup>1</sup>

Lavínia Carvalho Brito Neves<sup>2</sup>

Beatriz da Silva Sena Aredes<sup>3</sup>

Letícia Andreani de Castro<sup>4</sup>

Matheus de Oliveira Silva<sup>5</sup>

### **Resumo**

Este trabalho apresenta as primeiras impressões coletadas em projeto de extensão que se encontra em andamento, realizado por acadêmicos do curso de Psicologia, vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Linguagem (NEPSAL), do Centro Universitário Geraldo di Biase. O projeto, intitulado “Psicanálise nos espaços públicos: um estudo entre linguagem, sociedade e cultura na cidade de Volta Redonda” se destina ao acolhimento e escuta psicanalítica em espaços públicos do município de Volta Redonda. O principal objetivo do projeto é promover acesso ao cuidado em saúde mental para cidadãos voltarredondenses, e, ainda, identificar e analisar os fenômenos linguageiros e produções artístico-culturais que ocorrem nos territórios onde o projeto ocorre. Os atendimentos acontecem juntamente com a observação participante, ou seja, a interação dos extensionistas com os frequentadores dos espaços. As atividades acontecem aos sábados, em três territórios distintos do município de Volta Redonda. As principais impressões colhidas até o momento são: 1) os territórios podem se constituir como territórios-sujeitos, à medida que possuem dinâmicas próprias e singulares de funcionamento; 2) a escuta psicanalítica se diferencia de outras intervenções nas ruas; 3) o acolhimento e acesso ao cuidado em saúde mental se configuram como um ato político.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Acolhimento. Território.

---

<sup>1</sup> Doutora em Saúde Coletiva (UERJ), Docente do UGB-FERP.

<sup>2</sup> Mestre em Psicanálise (UERJ), Docente do UGB-FERP.

<sup>3</sup> Graduando do curso de Psicologia (UGB-FERP).

<sup>4</sup> Psicóloga (UBM)

<sup>5</sup> Graduando do curso de Psicologia (UGB-FERP)

## Introdução

O projeto, intimamente chamado de “Psicanálise na Rua”, foi inspirado em algumas iniciativas de uma psicanálise fora do consultório físico, como: Psicanálise na Praça e Psicanálise na praça da alfândega (em Porto Alegre); Psicanálise na Praça Roosevelt (São Paulo); Psicanálise na Praça (Florianópolis); Psicanálise no Quilombo (Alagoas); Perifanálise São Mateus (prática psicanalítica território em São Paulo), Psicanálise na Rua (Brasília), entre outras. Todas estas propostas se voltam para uma prática da psicanálise que se produz a partir e no território, sendo, assim, uma atividade racializada, socialmente demarcada e, portanto, política.

O objetivo geral deste projeto é proporcionar acesso ao acolhimento e escuta psicanalítica, promovendo a saúde mental para frequentadores, transeuntes e usuários de espaços públicos do município de Volta Redonda, como praças e parques. São objetivos específicos: a) Investigar e compreender a interseção entre a psicanálise, os discursos emergentes nos atendimentos e nas intervenções e os atravessamentos socioculturais presentes nesses diálogos; b) Documentar os discursos e interações entre os participantes; c) Explorar os fenômenos territoriais nesses espaços públicos e a interseção entre os discursos locais e as diferenças estruturais, linguísticas e culturais; d) Analisar os discursos recolhidos, identificando temas, padrões na comunicação, elementos linguísticos e seus atravessamentos histórico-socioculturais à luz da psicanálise.

Sigmund Freud (1912/1996) aponta que a clínica psicanalítica é um método que possibilita o estabelecimento de um modo específico de relação com o sofrimento, sendo ele escutado e legitimado pelo analista. “Clínica” não se restringe somente ao consultório – sendo este uma das clínicas possíveis – mas, pode estar presente e acontecer em diversos contextos: nos hospitais, nas escolas, nas empresas, nas ruas, nas universidades, e outros.

Jacques Lacan (1953) destaca a centralidade da linguagem na clínica psicanalítica. Ao articular a Linguagem e o Inconsciente, concebe o último como campo do Simbólico e do Outro e indica que é esse o lugar que insere o homem na cultura. Esse pensamento inaugura uma nova forma de olhar para o meio social e realoca a psicanálise em sua geografia clínica base: o da Linguagem. Lacan sugere que o dito é somente um fato a partir das próprias consequências do dizer, ou seja, o

sujeito só emerge a partir do discurso, que pode ser a fala, o silêncio, o corpo ou das inúmeras outras formas do dizer, inclusive expressões artísticas e culturais.

Nesse sentido, a clínica psicanalítica surge como um dispositivo para dar voz ao sujeito do inconsciente, imerso em atravessamentos políticos, culturais, históricos e sociais. A atuação em espaços públicos traz para o psicanalista profundos marcadores que se materializam nos modos de subjetividade e nos discursos: ideologia, classe, raça, gênero, na forma de andar, falar, pensar, etc. Assim, a presença da psicanálise nos espaços públicos destaca-se como um campo de produção teórica e viabiliza aos sujeitos a oportunidade de expressar e compartilhar suas experiências que são também determinadas por aspectos sociais, culturais e políticos.

Apostamos na possibilidade da reprodução das experiências supracitadas no município de Volta Redonda, que é caracterizado por grande diversidade cultural, social e étnica-racial. Acolher pessoas, grupos e participar de intervenções artístico-culturais espontâneas é uma forma de propiciar uma escuta qualificada ao sofrimento e à realidade política-social de nosso município. Além da possibilidade de produzir informações sobre as formas de subjetivação e sobre os cenários encontrados, elucidando a rica diversidade de Volta Redonda. Mouammar (2023), ao relatar experiência de prática universitária em espaços públicos, afirma sua importância para potencializar a clínica ampliada, fortalecendo, assim, a formação dos graduandos e indica a psicanálise como operador político, que considera, para a clínica os fenômenos sociais. Nesse sentido, acreditamos na experiência como um potencializador da formação, à medida que se sustenta numa prática ainda pouco experienciada no Brasil, com possibilidades inovadoras.

## **Metodologia**

O projeto iniciou com reuniões semanais com os participantes, para leitura, estudo e análise de relatos de experiência semelhantes; posteriormente, passamos à escolha dos locais onde o projeto iria se instalar. Para tanto, consideramos: 1) locais com praças ou espaços em que os sujeitos fazem uso como permanência, como academias ao ar livre, parquinhos, acontecimento de atividades culturais e de lazer. 2) características dos sujeitos que ali permaneciam e circulavam; 3) dificuldade da

população local ao acesso à cuidados em saúde mental. Três locais foram escolhidos: Açu de, praça da prefeitura, no Aterrado e Vila Rica.

Seguimos para incursões para conhecer o território, através da escuta do mesmo e de sua observação. Utilizamos material impresso, com a logo da instituição, identificando o projeto.

As atividades acontecem aos sábados e as reuniões de supervisão nas quintas-feiras, na instituição. Os atendimentos ocorrem por demanda espontânea, individualmente ou em grupos. As atividades são registradas em diário de campo.

## **Resultados e Discussão**

Identificamos que além de escutar os sujeitos, é necessário escutar o “território-sujeito”. O território, segundo Milton Santos (2007), é espaço de criação, de produção de trabalho, de relações de cultura. Ele se produz a partir de uma história, de uma alteridade: dentro de um contexto histórico e político, e em uma relação de diferença com outro território. O território-sujeito fala, produz objetos e desejos. Assim como o sujeito, ele se constitui. Não é dado, imanente ou permanente. O território também se inscreve na ordem simbólica. E, neste mesmo ato, produz suas margens, produz-se como continente. Escutar este território-sujeito é mais do que ouvir os sujeitos que ali vivem. É sua fala que está em jogo: ouvir os processos que o constituem, suas regras, leis, ouvir os sintomas e desejos. Esta escuta se materializa nas falas dos seus viventes, e na organização de seu espaço, nas instituições que o sustentam, nos ordenamentos e regulamentos internos.

Um segundo aspecto se refere a quem oferece cuidados, escutas e acolhimento a pessoas que estão na rua. Um dos públicos atendidos são pessoas em situação de rua. Podemos citar desde equipamentos das políticas de saúde e assistência social, como Consultório na Rua, Abordagem Social, e entidades religiosas e beneficentes, que oferecem, além de acolhimento, muitas vezes donativos, como comida, roupas...

As políticas públicas são condição essencial para a garantia de direitos, obrigação do Estado. Trata-se de ações que promovem justiça social, reparação histórica. No entanto, não é disso que se trata quando o atendimento é realizado por instituições religiosas e Organizações Não-governamentais, que se pautam na lógica

de discursos morais. Estes discursos definem quem tem ou não tem o direito de existir e acessar espaços sociais.

Assim, de um lado temos todo um campo burocrático, governamental, onde se inserem as políticas públicas; de outro, discursos patologizantes, normalizadores e demonizadores sobre quem pode e quem não pode ser sujeito.

A escuta psicanalítica se insere entre estas duas perspectivas. Não se coloca como saída ou complemento para as políticas públicas, mas certamente se opõe a outra perspectiva. Ela oferece uma escuta ao sujeito: independente de um processo burocrático, que ordena o cuidado ofertado pelo Estado e se opõe a um discurso moralizante que autoriza ou não a existência de sujeitos.

A escuta psicanalítica é uma aposta no sujeito falante, onde e como ele se apresentar. Não se propõe a “fazer o bem”, como uma proposta narcísica normalmente encontrada em entidades religiosas e organizações não-governamentais, que acolhe para satisfazer interesses narcísicos.

Daniel Guimarães, em “Convite a uma prática pública de psicanálise”, afirma que “a conquista da palavra diante de alguém que escuta verdadeiramente é um ato político” (disponível no sítio Outras Palavras, 2020). Podemos, portanto, afirmar que a escuta psicanalítica é ato político.

## **Considerações Finais**

Algumas impressões são possíveis de serem extraídas deste momento do projeto: não se trata de inventar uma outra forma de fazer psicanálise, mas construir possibilidades de escuta psicanalítica em espaços públicos que interrogam e testam os limites do *setting* clássico da psicanálise. A clínica na rua deve ser política, racializada e partir do território de vida do sujeito. Sustentar associação livre, elucidar e manejar a transferência e a resistência não prescinde de um espaço controlado e, se podemos dizer, estéril. Assim, deixamos aberta nossas considerações finais, pois o projeto é um devir e se produz permanentemente, indicando caminhos para novas investigações.

## Referências

FREUD, S. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912)**. In **S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUIMARÃES, D. **Convite a uma prática pública de psicanálise**. (2020). Disponível em: <https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/convite-a-pratica-publica-de-psicanalise/> . Acesso em 14/01/2025.

LACAN, J. **Função e Campo da fala e da linguagem (1953)**. (Trad. V. Ribeiro). In **Escritos**. Rio de Janeiro : Zahar, 1998.

MOUAMMAR, C. C. E. **Psicanálise nos espaços públicos: escuta e transmissão analítica na extensão universitária**. (2023). Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8637>. Acesso em: 14/01/2025

SANTOS, M. *et al.* **Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.